

Nathann Zini dos Reis

Matrícula: 19.2.4007

Fichamento: **Do fosso às pontes: um ensaio sobre natividade digital, nativos Jr. e descoleções**

*FONTE:* Lemos, André. Pesquisa do Grupo de Pesquisa em Cibercidades (GPC/CNPq) do Centro Internacional de Estudos e Pesquisa em Cibercultura (Ciberpesquisa) - PPGCCC/Facom/UFBa.

1 - (...)Os diversos dispositivos digitais estão nos colocando em meio a formas sutis de controle e vigilância. (Lemos, p. 01)

2- O ciberespaço é efetivamente desterritorializante, mas essa dinâmica não existe sem novas reterritorializações. (Lemos, p. 03)

3- (...) Processos de des-re-territorializações constituem o homem enquanto ser “aberto ao mundo”. (...) A cultura humana é uma des-re-territorialização da natureza. (...) Desterritorializado, o homem se vale de meios técnicos e simbólicos para reterritorializar-se, construindo o seu habitat. (Lemos, p. 03)

4- (...) Quando podemos criar um “território” podemos criar um mundo. As questões de território, territorialização e desterritorialização são essenciais ao homem. (Lemos, p.03)

5- (...) Criar um território é controlar processos que se dão no interior dessas fronteiras. Desterritorializar é, por sua vez, se movimentar nessas fronteiras, criar linhas de fuga, re-significar o inscrito e o instituído. (Lemos, p.04)

6- (...) A dinâmica da sociedade se estabelece mais por movimentos de fuga do que por uma essência imutável das coisas. O que interessa são processos, dinâmicas des-re-territorializantes que marcam o social. Desterritorializações e reterritorializações são processos interligados. (Lemos, p.04)

7- (...) Todo espaço, físico ou simbólico, apropriado por forças políticas, econômicas, culturais ou subjetivas, se transforma em território. (Lemos, p. 05)

8- (...) Note-se que os fenômenos de desterritorialização influenciam-se mutuamente: desterritorializações no campo da política e da econômica podem levar a desterritorializações culturais, simbólicas e subjetivas, e vice-versa. (Lemos, p.06)

9- A internet é, efetivamente, máquina desterritorializante sob os aspectos político (acesso e ação além de fronteiras), econômico (circulação financeira mundial), cultural (consumo de bens simbólicos mundiais) e subjetivo (influência global na formação do sujeito). Estão em marcha processos de desencaixe e de compressão espaço-tempo na cibercultura. (Lemos, p. 06)

10- Como vimos, não existe desterritorialização sem reterritorialização e não há formação de território que não deixe aberto processos desterritorializantes. (Lemos, p. 07)

11- As tecnologias móveis permitem exercer um maior controle sobre o espaço e o tempo, agindo também como ferramentas de territorialização. Por instituir formas de controle, através de uma justaposição do espaço eletrônico e físico, tecnologias móveis criam territorializações e controles informacionais, podendo ou não criar procedimentos nômades. (Lemos, p. 09)

12- (...) as tecnologias digitais podem ser agentes de territorialização e controle, assim como de desterritorialização e de diminuição de hierarquias, aumentando mobilidades, instituindo formas nômades. O importante é frisar que as tecnologias da cibercultura, principalmente as móveis, podem criar processos desterritorializantes, mas esses não estão garantidos pelo simples uso dos artefatos. (Lemos, p. 10)

13- Com os CCM, vemos o surgimento de um espaço a-tópico ou pan-tópico, onde o acesso não se dá mais por pontos, mas em “ambientes de acesso”. (Lemos, p. 11)

14- O ciberespaço é, ao mesmo tempo, locus de territorialização mas também de reterritorialização. (Lemos, p.15)

15- A desterritorialização cria novas formas de territorialização que movimentam a vida social, podendo agir contra as escleroses das instituições sociais, sendo desestabilizadoras das arquiteturas do poder. Tentamos aqui compreender como as novas tecnologias de comunicação e informação proporcionam a criação de mobilidades, de linhas de fuga e des-reterritorializações em meio ao controle global da informação por governos, instituições e empresas. (Lemos, p.15)